

Dora Budor, Jan Kiefer, Augustas Serapinas, Teresa Solar
The Broken Shell of the Hermit Crab

Curadoria de Samuel Leuenberger

Inauguração: 15 Novembro, 22 h

16 Novembro 2018 – 12 Janeiro 2019

Terça a Sexta: 14 –19 h

Sábado: 10 –13 h, 14 –19 h

A Galeria Vera Cortês apresenta *The Broken Shell of the Hermit Crab*, exposição colectiva com trabalhos de Dora Budor, Jan Kiefer, Augustas Serapinas e Teresa Solar, com curadoria de Samuel Leuenberger.

O título da exposição, *The Broken Shell of the Hermit Crab* [em português, *A concha partida do caranguejo eremita*], sugere um espaço metafórico que pede, em simultâneo, invasão e defesa. O caranguejo eremita utiliza conchas de búzio vazias ou outros objetos ocos como abrigo, um contentor para proteger parte do seu corpo. E como os seus corpos estão constantemente a crescer e a ficar maiores do que o seu habitat, o desejo de conquistar uma nova casa é constante. A exposição junta os trabalhos de quatro artistas internacionais com práticas baseadas numa abordagem conceptual ao fazer dos objetos, com um forte interesse na cultura popular — particularmente, uma pesquisa historicista com inclinações sociais aplicada à construção das narrativas. Pensando no comportamento do caranguejo eremita como um ponto de partida conceptual, os quatro artistas desconstroem chavões culturais e extrapolam uma nova compreensão do espaço que investigam. Uma nova linguagem é aplicada ao espaço vivido, onde corpos diferentes podem navegar fisicamente, emocionalmente e espiritualmente através de uma multidão de ambientes distintos. Estes espaços conceptuais são definidos por um conjunto de economias baseadas num entendimento singular da linguagem, do bem-estar e da prosperidade.

A prática artística de **Dora Budor** (*1984, Croácia) foca-se principalmente nos subtextos e espaços do cinema, reimaginando estas narrativas como sistemas ecológicos a renovar e retrabalhar. Dentro do espaço da galeria, Budor apresenta um trabalho efémero em duas sequências espaciais, com o título *The Preserving Machine – Notes from the Environment* [em português, *A máquina de preservar – Notas do ambiente*]. Na sequência da instalação *The Preserving Machine*, apresentada este ano na Baltic Triennial, *Notes from the Environment* são despojos deslocados e reflexivos sobre a experiência da exposição. Uma parte é uma camada de pó que cobre o espaço da exposição e a outra parte, filtros sobre as janelas que modificam toda a luz que entra no escritório da galeria. Ambas *Notes* participam do essencial da criação da experiência cinematográfica: o uso da luz e dos efeitos especiais para comunicar tempo e disposição. Geralmente utilizado para envelhecer cenários cinematográficos, o pó é constituído por terra de diatomáceas (conchas fossilizadas trituradas) e acrescenta uma camada de um tempo

pré-histórico à exposição. Estendendo-se ao longo dos limites do espaço expositivo, o pó invade a sala lentamente à medida que é transportado pelos movimentos dos visitantes. Com a luz quente que é projetada no espaço do escritório, os filtros amarelos colocados nas janelas sugerem um dia de calor intenso lá fora. Um trabalho que acontece fora do espaço da galeria, funcionando como um prólogo da exposição, *When the Sick Rule the World* [em português, *Quando os doentes governam o mundo*] é uma série de fotografias na qual Budor colaborou com cinco maquilhadores que trabalham com próteses para a terceira idade, produzindo fotogramas de um filme inexistente.

Os trabalhos de **Jan Kiefer** (*1979, Alemanha) lidam diretamente com as subtilezas do quotidiano, desafiando a matriz que define o status quo da sociedade ocidental. Os padrões de comportamento que resultam desta sociedade de consumo ou das interações das pessoas com um sistema de crenças endoutrinado criam códigos visuais e conotações de uma cultura imaginária. Por sua vez, estes códigos visuais transformam-se nas mercadorias que definem uma geração. Kiefer espelha de forma pungente estes padrões sociais através da desconstrução de objetos quotidianos e dos maneirismos que lhes são associados. Na verdade, os seus objetos são retratos conceituais de um indivíduo desconhecido. Para esta exposição, Kiefer produziu uma série de novas pinturas, todas representando um padrão de cruzes, um símbolo religioso que é entrelaçado e prospetivamente transformado num desenho plano e ilusionista, reminiscente do artista gráfico do século XX, M.C. Escher. Adicionalmente, o artista apresenta duas caixas de exposição iluminadas contendo uma parafernália de objetos como perfumes baratos, latas de bebidas à base de Prosecco ou origami feitos com notas de Euro construindo um outro retrato da classe média; as caixas estão penduradas ao lado de uma grande janela vitral com a forma de um cato. No trabalho de Kiefer podemos reconhecer uma fisicalidade esotérica que é reminiscente de períodos artísticos do passado, mas é a forma como o artista mistura estas referências com objetos mundanos que produz uma sensação de familiaridade e introspeção emocional.

A prática de **Augustas Serapinas** (*1990, Lituânia) é focada na recomposição de espaços socialmente engajados de forma a destacar e problematizar os pressupostos que os moldam. Invertendo as funções habituais dos objetos e da espacialidade, Serapinas brinca com as possibilidades do encontro — com a arte e com as relações sociais que ela produz, como um fenômeno e como uma oportunidade. Muitas vezes, os trabalhos de Serapinas são iniciados sem objeto, apenas com o questionamento da possibilidade de novas conexões e da possibilidade da descoberta de novos espaços, especialmente aqueles que são invisíveis à primeira vista. Salas escondidas em museus, salas técnicas ou espaços de armazenamento são transformados em signficantes de (inter)ações humanas

que muitas vezes passam despercebidas. Nesta exposição, Serapinas apresenta um canto (de uma casa) de madeira retirado de uma tipologia lituana de cabanas que era popular na paisagem rural dos anos 1920 e 1930. Em secções transversais, o artista apropria-se de fachadas, janelas e outros elementos arquitetónicos, como o já referido canto de casa, para destacar esta tradição construtiva histórica enquanto ilustra as consequências do livre comércio económico e como os espaços se tornam naturalmente obsoletos. Outro trabalho na exposição consiste numa janela recuperada numa moldura que pertence ao mesmo tipo de casa em extinção. Na sua superfície envidraçada, um pintor de vitrais desenhou a cena que o último ocupante da casa podia ver através da janela, antes do edifício e da vista serem demolidos.

O trabalho de **Teresa Solar** (*1985, Espanha) expande e contrai; oscila entre a escultura e o desenho no espaço, concretizando-se sempre num ato imersivo de transformação — interpretando histórias, transformando materiais ou traduzindo as tensões que ela invoca deliberadamente. O imaginário de Solar é narrativo e o seu processo criativo começa muitas vezes com a descoberta de uma história que une mundos complexos que podem ser devedores de obras literárias, da história natural ou de narrativas mais terrenas e próximas da sua vida pessoal. Para esta exposição, Solar revisita uma figura central: *Nut* (Nuit), a Deusa da Noite no Egito Antigo, uma criatura celestial que tem ligações à história da sua família.

A figura alongada, uma gigantesca estrutura com doze metros de comprimento, está pousada no chão, de lado, bloqueando involuntariamente a passagem do visitante de um lado da galeria para o outro. Ligeiramente afastada do chão, ela parece descansar o seu corpo enquanto, apoiada na sua anca, há uma pequena escultura de um tigre que foi esticada no seu volume físico, animando de forma esquisita o corpo do brinquedo, como se fora um acordeão. Um terceiro trabalho, *Pipeline: junction*, que a artista produziu especificamente para esta exposição, é uma estrutura vertical feita com dois tubos de aço circulares que se equilibram em torno de um trabalho cerâmico de cores carnudas. Deformada e contorcida, a peça cerâmica no centro do trio age como uma articulação para os dois tubos, que parecem ter escapado de dois mundos contraditórios, o mundo de uma fábrica de tubos ou de um grande parque temático.

* **Samuel Leuenberger** é curador independente. Baseado na Suíça, é fundador e diretor do SALTS, espaço expositivo sem fins lucrativos em Birsfelden que promove o intercâmbio e o diálogo interdisciplinares. Desde 2016, Samuel é o curador do Parcours da Art Basel. Como membro do comité de cultura de Basel, o Kunstkredit Basel – o conselho das artes da cidade mais antigo do país – é notável o seu papel na cena artística local e regional. Leuenberger leciona regularmente em escolas de arte, atualmente na Zürcher Hochschule der Künste (ZHDK) em Zurique.

Dora Budor, Jan Kiefer, Augustas Serapinas, Teresa Solar
The Broken Shell of the Hermit Crab

Curated by Samuel Leuenberger

Opening: 15 November, 10 pm

16 November 2018 – 12 Janeiro 2019

Tuesday to Friday: 2 –7 pm

Saturday: 10 am –1 pm, 2 –7 pm

Galeria Vera Cortês presents *The Broken Shell of the Hermit Crab*, group show with works by Dora Budor, Jan Kiefer, Augustas Serapinas and Teresa Solar, curated by Samuel Leuenberger.

The title of the exhibition, *The Broken Shell of the Hermit Crab*, suggests a metaphorical space that needs simultaneously invasion and defense. The hermit crab uses empty snail shells or other hollow objects as a shelter for partial containment and protection of the body. And since their bodies are always changing and outgrowing their current habitat, the desire to conquer a new housing is a constant urge. The exhibition is bringing together the works of four international artists whose practices are driven by a conceptual approach to object making, bearing a strong interest in popular culture – notably a socially motivated and historicist research when constructing narratives. Thinking the behavior of the hermit crab as a conceptual starting point all four artists deconstruct cultural clichés and extrapolate a new understanding of the space they investigate. A new language is being applied for the space that is inhabited, where different bodies can navigate a multitude of different environments, physically as emotionally and spiritually. These conceptual spaces are defined by a set of economies based on a unique understanding of language, well-being and prosperity.

Dora Budor's (*1984, HR) artistic practice is largely concerned with the subtexts and spaces of cinema, reimagining these narratives as ecological systems to be reworked and renewed. Inside the gallery space, Budor is presenting an ephemeral work in two spatial sequences, titled *The Preserving Machine – Notes from the Environment*. Following the installation *The Preserving Machine* exhibited at the Baltic Triennial earlier this year, *Notes from the Environment* are reflecting dislocated remains of the exhibition experience. One part, consisting of a layer of dust, is covering the floor of the exhibition space, and the other, which is made of window gels, is affecting all the incoming light in the office area. Both *Notes* lay at the core of creating the cinematic experience: the use of light and special effects to convey both time and mood. The dust, the same one that is used to age movie sets, made of diatomaceous earth (crushed fossilized shells), is adding a layer of prehistoric time to the exhibition. It spreads around the edges of the exhibition space and slowly through the visitors' movements invades the room while the yellow gels mounted on the windows suggest a setting of intense heat outdoors via its blurry, warm tint that is projected into the office space. *When the Sick Rule The World*, a larger series of photographs in which Budor collaborated with five

different old-age prosthetics make-up artists (MUA) to produce film stills from a non-existing feature film, is a work that takes place outside the gallery space, acting as a prologue of the exhibition.

Jan Kiefer's (*1979, DE) works delve directly into the subtleties of the everyday, challenging the very matrix that makes-up the status quo of Western society. The behavior patterns resulting from this consumer society or the people's interaction with an indoctrinated belief system all create visual codes and connotations of an imaginary culture. In turn, these visual codes become the very commodities that define a generation. Kiefer poignantly mirrors these social patterns by deconstructing everyday objects and their associated mannerisms. His objects are in reality conceptual portraits of an unknown individual. For the exhibition, Kiefer has produced a series of new paintings depicting an all-over cross pattern, a religious symbol that is interwoven and prospectively transformed into an illusionistic flat design, reminiscent of the 20th century Dutch graphic artist M.C. Escher. Furthermore, two lit display boxes containing various paraphernalia like cheap perfumes, canned prosecco drinks or origami folded Euro bills construct another portrait of a blue-collar; they are hung next to a large stain-glass window in the shape of a cactus. There is an exoteric physicalness to Kiefer's work that is referencing bygone art periods, but it's his intermixing of it with mundane objects that produce a feeling of familiarity and emotional introspection.

Augustas Serapinas' (*1990, LT) practice is invested in recomposing socially engaged spaces in order to foreground and problematize the assumptions that shape them. By inverting the customary functions of objects and spatiality, Serapinas toys with the possibilities of the encounter - with art and with the social relations it engenders, as a phenomenon and an opportunity. Often Serapinas' work starts without an object but with the question what new connections can be made and what spaces, specifically the ones hidden from plain sight, can be excavated and rendered visible. Backrooms of museums, storage spaces or technical equipment rooms become signifiers of human (inter-)action that often stays unnoticed. In this exhibition, Serapinas is presenting a reclaimed wooden (house) corner taken from a slowly disappearing Lithuanian typology of sheds that were popular in the rural landscape of the 1920s & 30s. Like cross-sections, the artist appropriates entire facades or windows and other architectural elements like the aforementioned corner and points to a vanishing historical building tradition while illustrating the consequences of an economic free trade and

how spaces naturally become obsolete. Another work in the exhibition consists of a reclaimed window in a frame belonging to the same type of disappearing house. On its glassy surface, a stained-glass window painter has drawn the very scene that the former occupant of the house could view from it, before the building and its sight were demolished.

Teresa Solar's (*1985, ES) work expands and contracts; it oscillates between sculpting and drawing in space and it always ends up in an immersive act of transformation – interpreting stories, transforming materials or translating tensions she deliberately invokes. Solar's imagery is narrative driven, and her creative process often begins by uncovering a story that brings together complex worlds that either draw from literary works of fiction, natural history or more terrestrial narratives that are close to her personal life. For the exhibition, she revisits a central figure: *Nut*, the Goddess of the Night in Ancient Egypt, a celestial creature that connects to her family history. The elongated figure, a gigantic 12-meter long structure is laying on its side on the floor and involuntarily blocks the visitors' passage from one side of the gallery to the other. Slightly propped off the ground, she appears to be resting her body while, on top of her hip, a tiny sculpture of a tiger is resting. The little tiger has been stretched in its physical volume, animating the toy body, in a weird, half-accordion manner, to life. A third work that Solar specifically made for the exhibition is called *Pipeline: junction*, a vertical structure made of two circular steel pipes balancing around a fleshy colored ceramic work. The squeezed and deformed ceramic structure in the middle of the threesome acts as a hinge for the two pipes that look like they strangely escaped from two contradictory worlds, that of an industrial pipe factory or of a large theme park.

* **Samuel Leuenberger** is an independent curator based in Switzerland. He is the founder and director of SALTS, a non-for-profit exhibition space in Birsfelden that promotes interdisciplinary exchange and dialogue. Since 2016, he is the curator of Art Basel's Parcours. As a committee member of Basel's cultural department, Kunstkredit Basel – the nation's oldest City Arts Council – he plays a role in supporting the local and regional art scene. He regularly teaches at art schools, currently at the Zürcher Hochschule der Künste (ZHDK) in Zurich.